



O COLETIVO DE RESISTÊNCIA CAMPONESA E A LUTA FRENTE À EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO NO NORDESTE DO PARÁ

EMILIO ROMANINI NETTO¹

RESUMO

O NORDESTE DO PARÁ POSSUI UMA DISTINTA CONSTITUIÇÃO HISTÓRICA EM RELAÇÃO ÀS REGIÕES DO SUL E SUDESTE E SE CONSTITUI NA FRONTEIRA AGRÁRIA MAIS ANTIGA DA AMAZÔNIA. DIFERENTE DE OUTRORA, EM QUE SUA CONSTITUIÇÃO FOI DADA MAJORITARIAMENTE PELA MIGRAÇÃO NORDESTINA CARACTERIZADO NA PRODUÇÃO FAMILIAR EM PEQUENAS PROPRIEDADES, HOJE ENCONTRAMOS UM CENÁRIO DE EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO DE GRÃOS (SOJA E MILHO PRINCIPALMENTE) E DENDÊ EM GRANDES PROPRIEDADES APOIADOS NO AVANÇO DA ESTRUTURA VIÁRIA. À CONTRA MÃO DESTE PROCESSO TIVEMOS A ORGANIZAÇÃO DO COLETIVO DE RESISTENCIA CAMPONESA (CRC). UMA ARTICULAÇÃO ENTRE CAMPONESES, NO SEIO DO MST-PA, APOIADOS DA FORMAÇÃO, DA PRODUÇÃO E DO TRABALHO COM AS FAMÍLIAS PARA ENCONTRAR FORMAS E ALTERNATIVAS DE COMO RESISTIR ÀS OFENSIVAS DO GRANDE CAPITAL NO CAMPO E GARANTIR AS CONDIÇÕES PARA PERMANECER NAS SUAS TERRAS. A PARTIR DA CRIAÇÃO DO CRC SURGIRAM: O SAPO (SISTEMA AGROECOLÓGICO DE PRODUÇÃO ORGÂNICA) NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL-PA; O LAPO (LOTE AGROECOLÓGICO DE PRODUÇÃO ORGÂNICA) NA ILHA DE MOSQUEIRO; O CEFAC (CENTRO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM AGROECOLOGIA E CULTURA CABANA), NO MUNICÍPIO DE IRITUIA-PA. TAMBÉM ARTICULADOS NESTE COLETIVO ESTÃO O SETOR DE PRODUÇÃO DO ACAMPAMENTO FREI HENRI NO MUNICÍPIO DE CURIONÓPOLIS E O IALA AMAZÔNICO NO MUNICÍPIO DE PARAUPEBAS. OS ATORES ORGANIZADOS PELO CRC

¹Eng. Agrônomo (UFPR), Especialista em Educação do Campo, Agroecologia e Questão Agrária na Amazônia (UFPA). emilioromanini@hotmail.com

REAFIRMAM A DIFICULDADE EM RESISTIR AO MODELO TECNOLÓGICO DO AGRONEGÓCIO ASSIM COMO A NECESSIDADE DE DESENVOLVER O DIÁLOGO E A TROCA DE EXPERIÊNCIAS A FIM DE CONSTRUIR UM MODELO DE PRODUÇÃO APOIADO NOS PRINCÍPIOS DA AGROECOLOGIA.

PALAVRAS CHAVE: ORGANIZAÇÃO CAMPONESA; RESISTÊNCIA CAMPONESA; AGROECOLOGIA.

1. INTRODUÇÃO

A TEMÁTICA QUE ESTÁ SENDO AQUI INVESTIGADA É FRUTO DO TRABALHO DE CAMPO REALIZADO PELA SEGUNDA TURMA DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO DO CAMPO, AGROECOLOGIA E QUESTÃO AGRÁRIA NA AMAZÔNIA LIGADA AO IALA AMAZÔNICO²/UFPA CAMPUS MARABÁ, ONDE PERCORREMOS O TRECHO “MARABÁ – BELÉM” COM OBJETIVO DE REFLETIR A HISTÓRIA E DIVERSIDADE SÓCIO-TERRITORIAL NAS DIFERENTES REALIDADES DA AMAZÔNIA ORIENTAL, EM ESPECÍFICO O NORDESTE PARAENSE.

O ROTEIRO DEFINIDO PELOS EDUCADORES DO CURSO TINHA COMO INTENCIONALIDADE EXPOR AS ESTRATÉGIAS DE TERRITORIALIZAÇÃO DO AGRONEGÓCIO DE GRÃOS E DE AGROCOMBUSTÍVEIS ASSIM COMO AS FORMAS DE ORGANIZAÇÃO E RESISTÊNCIA CAMPONESA A PARTIR DE EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS CONTRA HEGEMÔNICAS.

O ITINERÁRIO SE DEU PARTINDO DO IALA AMAZÔNICO, NA CIDADE DE PARAUPEBAS, PARA MARABÁ SEGUINDO PARA OS EIXOS RONDON-DOM ELISEU (PA 070) E BELÉM-BRASÍLIA (BR 010), COM O OBJETIVO DE VISUALIZAR O AGRONEGÓCIO DE GRÃOS E AS FORMAS DE COLONIZAÇÃO APOIADO SOBRE A MALHA VIÁRIA. POSTERIORMENTE CONHECEMOS A EXPERIÊNCIA DO CENTRO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM AGROECOLOGIA E CULTURA CABANA (CEFAC) LOCALIZADO NO ASSENTAMENTO LUIZ CARLOS PRESTES, NO MUNICÍPIO DE IRITUIA. PASSAMOS PELOS MUNICÍPIOS MÃE DO RIO, CONCÓRDIA E EM BUJARU VISITAMOS A COMUNIDADE QUILOMBOLA SANTO ANTÔNIO. POR SEGUINTE RUMAMOS À ILHA DE MOSQUEIRO PARA CONHECER O LOTE AGROECOLÓGICO DE PRODUÇÃO ORGÂNICAS (LAPO) NO ASSENTAMENTO MÁRTIRES DE ABRIL. AO FINAL VISITAMOS AS EXPERIÊNCIAS AGROECOLÓGICAS E EDUCATIVAS COMO O IFPA CAMPUS CASTANHAL E O SISTEMA AGROECOLÓGICO DE PRODUÇÃO ORGÂNICA (SAPO) NO ASSENTAMENTO JOÃO BATISTA AMBOS NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL-PA.

A PARTIR DESTES TRABALHOS DE CAMPO SE DESTACOU O COLETIVO DE RESISTÊNCIA CAMPONESA (CRC) ONDE, A PARTIR DAS VOZES DOS SUJEITOS, FOI A ORGANIZAÇÃO

² O IALA (Instituto de Agroecologia Latino-Americano) Amazônico compõe uma rede de escolas organizadas pela Cloc-Via Campesina.

PROPULSORA DE PROJETOS EDUCATIVOS E PRODUTIVOS NOS ASSENTADOS DA REFORMA AGRÁRIA. AINDA QUE O CRC NÃO SE LIMITE AO NORDESTE PARAENSE, NO TRABALHO DE CAMPO TAMBÉM NOS FOI EVIDENCIADO A EXPANSÃO DO AGRONEGÓCIO DE GRÃOS E DENDÊ ONDE NÃO SOMENTE DESVELA O CONFLITO ENTRE O EMPREENDEDORISMO AGRÍCOLA E A AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA³ MAS TAMBÉM A COOPTAÇÃO AO SISTEMA PRODUTIVO EMPRESARIAL DESTES ÚLTIMOS.

POR TANTO, AQUI, NOS IMPORTA REFLETIR A OFENSIVA DO AGRONEGÓCIO EM SUAS POSSÍVEIS POSIÇÕES E AINDA EXPOR AS ESTRATÉGIAS DOS CAMPONESES ORGANIZADOS CONTRA O ASSÉDIO DO AGRONEGÓCIO. PARA REALIZARMOS ESTE TRABALHO NOS MUNIMOS DAS ENTREVISTAS NÃO ESTRUTURADAS REALIZADAS DURANTE O TRABALHO DE CAMPO, DOS ARQUIVOS AUDIOVISUAIS GRAVADOS E A PRODUÇÃO CIENTÍFICA ACERCA DA TEMÁTICA.

2. O NORDESTE PARAENSE, ENTRE A FRONTEIRA AGRÁRIA E O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

A REGIÃO AMAZÔNICA POSSUI DISTINTAS FORMAS DE CONSTITUIÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA, ASSIM COMO POSSUI DISTINTAS FORMAS DE ABORDAGEM METODOLÓGICA PARA ESTES SUJEITOS. SOBRETUDO, A PARTIR DOS ANOS 1940, A AMAZÔNIA ACOLHE UMA SÉRIE DE PROJETOS COM O PROPÓSITO DE UTILIZAR SEUS RECURSOS NATURAIS E AMPLIAR AS DIVISAS ECONÔMICAS NACIONAIS. TAIS PROJETOS DETERMINARAM A POSIÇÃO DO ESTADO COM RELAÇÃO À POLÍTICA DE DESENVOLVIMENTO PARA O TERRITÓRIO AMAZÔNICO ASSIM COMO DETERMINARAM AS RELAÇÕES ENTRE OS DIFERENTES GRUPOS SOCIAIS QUE ALI SE CONSTITUÍRAM.

DURANTE SÉCULOS, EXTRATIVISTAS TRADICIONAIS E AGRICULTORES ITINERANTES, COMO OS GRUPOS INDÍGENAS, OS CABOCLOS E OS RIBEIRINHOS, FORAM OS GRUPOS POPULACIONAIS MAIS IMPORTANTES NA AMAZÔNIA RURAL. COM A CONSTRUÇÃO DA FERROVIA ENTRE BELÉM E BRAGANÇA NO COMEÇO DO SÉCULO XX, ESTABELECE-SE UM CAMPESINATO AGRÍCOLA NA ZONA BRAGANTINA COM BASE NUMA AGRICULTURA ITINERANTE DE POUSIO JÁ ALTAMENTE ORIENTADA PARA O SUPRIMENTO DO MERCADO DE BELÉM. NOS ANOS 40 E 50 ESSE PROCESSO DE COLONIZAÇÃO ESTENDEU-SE À REGIÃO GUAJARINA NO NORDESTE PARAENSE (CAPITÃO POÇO E IRITUIA). A GRANDE IMIGRAÇÃO DE COLONOS DO NORDESTE E DO SUL DO BRASIL, DEPOIS DA ABERTURA DA AMAZÔNIA ATRAVÉS DOS NOVOS EIXOS RODOVIÁRIOS, DOS PROGRAMAS DE COLONIZAÇÃO OFICIAL A PARTIR DE 1973 E DOS GRANDES PROJETOS, A BASE

³ Neste texto daremos preferência a este termo em distinção à definição de agricultura familiar encontrada na legislação brasileira que prioriza a dicotomia pequena/grande propriedade, a mão de obra, e omite a subjetividade camponesa.

PARA A FORMAÇÃO DE UM CAMPESINATO MAIS NOVO. ESTE SE FORMOU SOBRETUDO NO SUL DO PARÁ (MARABÁ, TRANSAMAZÔNICA) E NA AMAZÔNIA OCIDENTAL (RONDÔNIA, MATO GROSSO). (HURTIENNE, 1999)

A DIVERSIDADE DAS FORMAS E TRAJETÓRIAS NA FORMAÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA NO PARÁ DESAFIA UMA SISTEMATIZAÇÃO QUE DE CONTA DAS DIFERENTES FORMAS DE PRODUÇÃO FAMILIAR NO CAMPO. NO ENTANTO A VISÃO HOMOGENEIZADORA DA PEQUENA PRODUÇÃO RURAL COMO AGRICULTURA ITINERANTE, MIGRANTE OU NÔMADE É COMPARTILHADA POR DIFERENTES VERTENTES: A) OS ENFOQUES DOMINANTES DA MODERNIZAÇÃO AGRÁRIA ACUSARAM OS CAMPONESES DE SEREM AGRICULTORES ITINERANTES POUCO EFICIENTES E RESPONSÁVEIS POR UM GRANDE IMPACTO DESTRUTIVO SOBRE OS ECOSISTEMAS PRIMÁRIOS; B) OS CRÍTICOS DAS POLÍTICAS DE MODERNIZAÇÃO IDENTIFICAVAM-NOS COMO AS VÍTIMAS NAS VÁRIAS FRONTEIRAS AGRÁRIAS, CONDENADOS À EXPULSÃO PELA PECUÁRIA OU POR OUTROS SISTEMAS DE PRODUÇÃO MODERNOS; C) OS DEFENSORES DA CONSERVAÇÃO DA FLORESTA TROPICAL, INCLUINDO MUITAS ONG E O RAIN FOREST UNIT DO BANCO MUNDIAL, CONSIDERAVAM-NOS BASICAMENTE COMO *NUTRIENT MINERS* INDIFERENTES AOS IMPACTOS DESTRUTIVOS DAS SUAS AÇÕES. (HURTIENNE, 2005, P. 36)

EM SÍNTESE, SEGUNDO HURTIENNE (2005), DURANTE A FASE DA MODERNIZAÇÃO AGRÍCOLA NOS ANOS 1970 A PESQUISA SOCIOECONÔMICA LIMITOU-SE BASICAMENTE À SISTEMATIZAR A AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA DESDE A PRÁTICA DO CICLO DE FRONTEIRA. O TÍPICO CICLO DE FRONTEIRA SE CARACTERIZA PELA TRANSFERÊNCIA DA TECNOLOGIA AGRÍCOLA UTILIZADA NO SUL DO PAÍS (SOBRETUDO O PARANÁ) PARA O NORTE ONDE A PRIMEIRA FASE CONSTITUI-SE NA DERRUBADA DA FLORESTA E CULTIVO DE SUBSISTÊNCIA COM BASE NA TÉCNICA DE CORTE E QUEIMA. NUMA SEGUNDA FASE O SISTEMA PRODUTIVO TORNA-SE INSTÁVEL ECONÔMICO, JURÍDICO OU ECOLÓGICAMENTE. POR FIM, A FAMÍLIA É COAGIDA A MIGRAR PARA UMA NOVA FRONTEIRA OU PARA A CIDADE E A TERRA “AMANSADA” ESTÁ PRONTA PARA RECEBER AS SEMENTES DE PASTO E SE AGREGAR À PECUÁRIA PATRONAL.

CONTUDO, NA ABORDAGEM PIONEIRA DO PROFESSOR FRANCISCO DE ASSIS COSTA VERIFICOU-SE A TENDÊNCIA DE ESTABILIZAÇÃO DOS CAMPONESES COM BASE NA COMPLEXIFICAÇÃO DOS SISTEMAS DE PRODUÇÃO, MUITO APOIADOS EM CULTURAS PERENES E SEMI-PERENES. AINDA QUE O CICLO DE FRONTEIRA SE ENCAIXE MELHOR AOS CASOS DAS FRONTEIRAS AGRÁRIAS MAIS NOVAS COMO O SUL E SUDESTE DO PARÁ, RONDÔNIA E MATO GROSSO, O MESMO NÃO ACONTECE NO CASO DO NORDESTE PARAENSE.

PESA AQUI ESCLARECER QUE, APOIADO NAS PESQUISAS DE COSTA E HURTIENNE, SE TORNA EVIDENTE A IDEIA DOMINANTE DE ENQUADRAR A AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA COMO

NECESSARIAMENTE DEPRÉDATORIA E ECOLOGICAMENTE INSUSTENTÁVEL, UM IMPEDIMENTO AO PROGRESSO. ESTE POSICIONAMENTO (INCLUSIVE DO ESTADO) REFLETE A ESTRATÉGIA DE ESVAZIAMENTO DO CAMPO APOIADOS NA PROLETARIZAÇÃO DO CAMPONÊS EM FUNÇÃO DOS INTERESSES SISTEMATIZADOS NOS PROJETOS DE DESENVOLVIMENTO PARA A AMAZÔNIA.

NESTE SENTIDO ENCONTRAMOS O AVANÇO DA DENDEICULTURA NO PARÁ. O PROGRAMA NACIONAL DE PRODUÇÃO DO BIODIESEL (PNPB), DE 2004, TEM A REGIÃO NORTE COMO PRIORIDADE PARA O PLANTIO DO DENDÊ (OU PALMA), MAS SOMENTE PASSA A RECEBER INVESTIMENTOS MAIS VULTUOSOS A PARTIR DO LANÇAMENTO DO ZONEAMENTO AGROECOLÓGICO DO DENDÊ E O PROGRAMA DE PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DE ÓLEO DA PALMA NO BRASIL, EM 2010. SEGUNDO A MATÉRIA ELABORA POR REPÓRTER BRASIL (2013) EMPRESAS DE MÉDIO E GRANDE PORTE, COMO AGROPALMA, BIOPALMA VALE, YOSSAN, DEMPASA, MARBORGES, DENTAUÁ, PETROBRAS/ GALP, ADM E PALMASA, ALÉM DE OUTRAS DE MENOR ENVERGADURA, OCUPAM, JUNTAS, 140 MIL HECTARES, COM PERSPECTIVAS DE EXPANSÃO PARA 329 MIL HA ATÉ 2020.

DE ACORDO COM LEVANTAMENTO REALIZADO PELA EQUIPE DO GDEA (GRUPO DE PESQUISA DINÂMICAS TERRITORIAIS DO ESPAÇO AGRÁRIO NA AMAZÔNIA), PARA CONCRETIZAR SUAS METAS A BIOPALMA DEVERÁ CONTAR COM UM CONTINGENTE DE MÃO DE OBRA DE APROXIMADAMENTE 8.000 PESSOAS, SENDO 6 MIL DE MÃO DE OBRA INDIVIDUAL ASSALARIADA E 2.000 UNIDADES FAMILIARES, MÃO DE OBRA COLETIVA, PROVENIENTE DE ASSOCIAÇÃO COM AGRICULTURA FAMILIAR; A PETROBRAS BIOCOMBUSTÍVEL CONTARÁ COM A ADESÃO DE 98 MIL UNIDADES PRODUTIVAS ENTRE FAMILIARES E ARRENDATÁRIO; A ADM, POR SUA VEZ, PARA ATINGIR SUA META TERÁ A ADESÃO DE 600 UNIDADES FAMILIARES E UM CONTINGENTE DE 600 TRABALHADORES ASSALARIADOS INDIVIDUAIS. (NAHUM E BASTOS, 2014)

OS ÚLTIMOS DADOS CORROBORAM COM O QUE AFIRMAMOS EM OUTRO MOMENTO: A ESTRATÉGIA DE INSTABILIZAR OU PROLETARIZAR O CAMPONÊS EM DETRIMENTO AO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO. NAHUM E BASTOS (2014) AFIRMAM ESTE PROCESSO SE TRATAR DE UMA DESCAMPONEISAÇÃO.

AINDA QUE APARENTEMENTE CONTRADITÓRIO A DENDEICULTURA TAMBÉM É PROMOVIDA COMO PROJETO DE DESENVOLVIMENTO PARA A AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA. O APOIO INSTITUCIONAL VIA PRONAF ECO DENDÊ⁴ INTERLIGA O AGRICULTOR À CADEIA AGROINDUSTRIAL DO BIODIESEL. OS CONTRATOS FUNCIONAM SOB O SISTEMA

⁴ Criado em 2007, o Pronaf Eco, destinado a estimular a produção de culturas agroenergéticas da agricultura familiar no âmbito do Programa Nacional de Produção e Uso de Biodiesel (PNPB), tem se afirmado como uma das principais ferramentas de política pública agrícola no Nordeste do Pará desde 2010. (Repórter Brasil, 2013)

INTEGRADO DE PRODUÇÃO COM DURAÇÃO DE ATÉ 25 ANOS. DESDE O NOSSO TRABALHO DE CAMPO FOI POSSÍVEL LEVANTAR QUE A META DA EMPRESA BIOPALMA É DE ATINGIR 5% DE SUA PRODUÇÃO DE ÓLEO ADVENHA DA AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA, EM CONTRAPARTIDA A EMPRESA RECEBERIA O SELO COMBUSTÍVEL SOCIAL. NO ENTANTO, PARA NAHUM E BASTOS (2014):

AS UNIDADES FAMILIARES ASSOCIADAS AOS PROJETOS DE AGRICULTURA FAMILIAR DE DENDÊ NÃO PERDEM A PROPRIEDADE JURÍDICA DA TERRA, TAMPOUCO AS PESSOAS TORNAM-SE ASSALARIADOS DAS EMPRESAS; EM SUMA, CONTINUAM PROPRIETÁRIAS DA TERRA ENQUANTO MEIO DE PRODUÇÃO E FORÇA PRODUTIVA E SUA FORÇA DE TRABALHO NÃO É VENDIDA À EMPRESA. PORÉM, QUEM DETERMINA E COMANDA OS USOS DESSA TERRA SÃO AS EMPRESAS; A TERRA, POR MEIO DE CONTRATOS ENTRE PARTES “JURIDICAMENTE IGUAIS” E EM COMUM ACORDO, TRANSFORMOU-SE EM TERRITÓRIO USADO PELO DENDÊ. IGUALMENTE A FORÇA DE TRABALHO DE TODOS QUE ADENTRAM OS CAMPOS É TREINADA, COMANDADA E UTILIZADA EXCLUSIVAMENTE PARA A CULTURA DA PALMA. (P, 479)

ENTÃO PODE-SE AFIRMAR QUE, PARA ALÉM DA PROLETARIZAÇÃO, OS CAMPONESES QUE INICIAM A PRODUÇÃO DO DENDÊ PERDEM A AUTONOMIA DE SEU TERRITÓRIO. ESTA CONSTATAÇÃO É ENCOBERTA PELA ARGUMENTAÇÃO DE APOIO E DESENVOLVIMENTO DA AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA BASEADA NA PRODUÇÃO SUSTENTÁVEL DO DENDÊ.

POR FIM, A DENDEICULTURA SEGUE AS ESTRATÉGIAS JÁ UTILIZADAS POR OUTROS SETORES DO AGRONEGÓCIO E DESVELA SUA FACE VORAZ, BASEADO NAS TAXAS DE LUCRO QUE O SETOR AGROINDUSTRIAL PRECISA PARA MANTER SUA ESTRUTURA, E QUE COMPLEXIFICA E ESCONDE A VELHA LUTA DE CLASSES QUE OPÕE A AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA DO EMPREENDEDORISMO RURAL E O COMPLEXO DO AGRONEGÓCIO COMO COSTA (2000, p. 103) JÁ HAVIA POLARIZADO. EM CONTRAPARTIDA, O CAMPESINATO ORGANIZADO É CAPAZ DE FAZER FRENTE AO AVANÇO DO GRANDE CAPITAL E TECER ESTRATÉGIAS DE RESISTÊNCIA. TRAREMOS A SEGUIR A ATUAÇÃO DO COLETIVO DE RESISTÊNCIA CAMPONESA DESDE O RELATO DOS ATORES DESTA PROPOSTA.

3. A RESISTÊNCIA CAMPONESA

AO LONGO DO PROCESSO EDUCATIVO DESENVOLVIDO PELO IALA AMAZÔNICO E O COLEGIADO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO DA UFPA - ONDE NOS FOI FACILITADO ACESSO AO MATERIAL TEÓRICO, TRABALHOS DE CAMPO E INCENTIVO À PESQUISA – SE EVIDENCIOU A HETEROGENEIDADE DA FORMAÇÃO DO CAMPESINATO AMAZÔNICO. DESTA DIVERSIDADE FOI TRATADO ALGUMAS ESPECIFICIDADES E GENERALIDADES NO MOMENTO ANTERIOR. CONTUDO,

AQUI SE ENCONTRA O MOMENTO PERTINENTE PARA TRAZER UMA EXPERIÊNCIA CONCRETA À VISIBILIDADE E AO DEBATE ACADÊMICO.

O VALOR DO OBJETO DESTA PESQUISA, O COLETIVO DE RESISTÊNCIA CAMPONESA, ESTÁ EM RELAÇÃO AO POSICIONAMENTO EQUIVOCADO DAS TEORIAS QUE GENERALIZAM O SUJEITO DO CAMPO COMO CONSERVADOR, ATRASADO, POLUIDOR, ENTRE OUTROS ADJETIVOS. AS AÇÕES DOS CAMPONESES ORGANIZADOS EVIDENCIAM O EQUÍVOCO.

SEU SABÁ, ASSENTADO NO P. A. JOÃO BATISTA NO MUNICÍPIO DE CASTANHAL – PA, NOS EXPLICOU DURANTE O TRABALHO DE CAMPO QUE APÓS A CONQUISTA DA TERRA, EM 1998, HOVE O ENDIVIDAMENTO DE MUITAS FAMÍLIAS, O ASSÉDIO DOS PECUARISTAS DA REGIÃO E O ARRENDAMENTO E VENDA DOS LOTES. ENTÃO, COMO RESPOSTA, HAVIA A NECESSIDADE DE ORGANIZAR “QUEM QUERIA PRODUZIR”. NESSE SENTIDO É CRIADO O COLETIVO DE RESISTÊNCIA CAMPONESA, NO SEIO DO MST-PA.

O CRC SURGE EM UM MOMENTO DE AMADURECIMENTO DO MST A FAVOR DA PAUTA ECOLÓGICA, EM QUE SEU IV CONGRESSO NACIONAL NO ANO DE 2000 DELIBERAM PELA AGROECOLOGIA COMO BANDEIRA DE LUTA. (CORREA, 2007) ESTA CONJUNTURA COLABORA PARA CRIAÇÃO DO SAPO (SISTEMA AGROECOLÓGICO DE PRODUÇÃO ORGÂNICA), NO LOTE DO SEU SABÁ E DO CEFAC (CENTRO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO EM AGROECOLOGIA E CULTURA CABANA) NO P.A. LUIS CARLOS PRESTES NO MUNICÍPIO DE IRITUIA-PA. O CEFAC EXISTE ESTRUTURALMENTE NA ANTIGA SEDE DA FAZENDA DESAPROPRIADA E DIVIDE ESPAÇO COM UM ANEXO DA ESCOLA MUNICIPAL ANTÔNIO SANTOS DO CARMO. QUEM NOS RECEBE NO CEFAC É SEU EZEQUIAS E DONA MARLENE. KIA, COMO É CHAMADO, AFIRMA “A NECESSIDADE DE SE ELABORAR UM PROJETO DE FORMAÇÃO POLÍTICO, IDEOLÓGICO E TÉCNICO ONDE OS SUJEITOS DO CAMPO FOSSEM OS PROTAGONISTAS”.

ESTAS DUAS EXPERIÊNCIAS TIVERAM APOIO E INSPIRAÇÃO NO LAPO (LOTE AGROECOLÓGICO DE PRODUÇÃO ORGÂNICA), QUE FICA NA ILHA DE MOSQUEIRO, NO P. A. MÁRTIRES DE ABRIL, MUNICÍPIO DE BELÉM. O LAPO FOI IDEALIZADO PELO CASAL MAMEDE DE OLIVEIRA E SUA ESPOSA DONA TÉO. SEGUNDO PESSOA (2012) O LAPO FOI A PRIMEIRA EXPERIÊNCIA CONCRETA DE AGROECOLOGIA DO MST-PA. SEU MAMEDE FOI ASSINADO DENTRO DE SEU LOTE NO ANO DE 2012. QUEM NOS RECEBE NO LAPO É DONA TÉO. PARA DONA TÉO “É A LUTA DE DAVI CONTRA GOLIAS” A PRODUÇÃO SEM VENENOS E ADUBO QUÍMICO. ELA E SEU MAMEDE COMPUSERAM O COLETIVO DE PRODUÇÃO DO ASSENTAMENTO DESDE O INÍCIO E AFIRMA A VISÃO IMEDIATISTA E A FACILIDADE AO UTILIZAR O CORTE E QUEIMA NAS ROÇAS SERIAM OS MAIORES IMPEDIMENTOS PARA AGROECOLOGIA NO ASSENTAMENTO.

O CRC ESTÁ ARTICULADO COM A ATUAÇÃO DO IALA AMAZÔNICO, O QUAL FOI FORMADO EM 2009 E POSSUI SUA SEDE NO P.A. PALMARES II EM PARAUAPEBAS-PA E COM O SETOR DE PRODUÇÃO DO ACAMPAMENTO FREI HENRI NA CIDADE DE CURIONÓPOLIS-PA. DESTA ARTICULAÇÃO FOI REALIZADO NO DIA 30 DE MAIO DE 2014.

DURANTE O TRABALHO DE CAMPO ENCONTRAMOS NOS SUJEITOS UMA INSISTENTE LUTA EM RETOMAR A FERTILIDADE DE SEUS SISTEMAS PRODUTIVOS, EM ESPECIAL A LUTA CONTRA O CAPIM. ESTA SITUAÇÃO NÃO É ISOLADA, MAS SIM INCORRE A TODOS ASSENTADOS. OS TRÊS PROJETOS DE ASSENTAMENTOS QUE VISITAMOS POSSUEM A CARACTERÍSTICA DE SE ESTABELECEM EM ÁREAS DE MONOCULTURA (OU DE PASTO OU DE COCO) JÁ DEGRADADAS. A INSTABILIDADE PRODUTIVA GERA, NÃO RARAMENTE, A INSTABILIDADE DE A FAMÍLIA PERMANECER NA TERRA. EM DETRIMENTO DA NECESSIDADE DE RENDA IMEDIATA EM RELAÇÃO À PRODUTIVIDADE DO TRABALHO OS CAMPONESES PROCURAM SE DEDICAR ÀS CULTURAS DE MERCADO, CONSUMINDO O PACOTE TECNOLÓGICO (SEMENTES, ADUBOS, AGROTÓXICOS) OU PARTINDO PARA AS TÉCNICAS TRADICIONAIS. ISTO QUANDO NÃO HÁ ARRENDAMENTO OU VENDA DE LOTES. NOTA-SE TAMBÉM QUE POUCOS ASSENTADOS TEM ACESSO AO TRATOR OU CAPINA MECÂNICA.

PORTANTO, A LUTA PARA PRODUZIR TAMBÉM É A LUTA EM RESISTIR À OFENSIVA DO GRANDE CAPITAL NO CAMPO. ESTE ÚLTIMO PODE SER TRADUZIDO EM SUA VORACIDADE EM EXPROPRIAR DOS CAMPONESES OS RECURSOS NATURAIS, SEJA PARA O CULTIVO DE GRÃOS, PECUÁRIA EXTENSIVA OU PARA O CULTIVO DE DENDÊ. EM ÚLTIMO CASO, O PROJETO DOMINANTE PARA AGRICULTURA CAMPONESA FAMILIAR É TORNÁ-LOS PEQUENOS EMPREENDEDORES RURAIS. EM CONTRAPARTIDA, OS CAMPONESES NÃO ACEITAM ESSE QUADRO DE FORMA APÁTICA. SUA FORÇA POLÍTICA SE SUSTENTA PRIMORDIALMENTE NA ORGANIZAÇÃO. A MILITÂNCIA DOS CAMPONESES ASSENTADOS EM UM MOVIMENTO SOCIAL DE ESCALA NACIONAL COMO O MST AGREGA EM QUALIDADE ORGANIZATIVA E POSSIBILITA QUE FORMEM-SE ORGANIZAÇÕES DE MENOR ESCALA, COM PAUTAS REGIONAIS, COMO O CRC. O INVERSO TAMBÉM ACONTECE NA ARTICULAÇÃO COM MOVIMENTOS SOCIAIS INTERNACIONAIS, A ADESÃO À PAUTAS INTERNACIONAIS, COMO A VIA CAMPESINA A ORGANIZAÇÃO CAMPONESA TAMBÉM ALTERA A CORRELAÇÃO DE FORÇA NO DIÁLOGO COM O PODER PÚBLICO.

NOS SALTA AOS OLHOS MAIS DOIS ASPECTOS DA LUTA CAMPONESA: A AGROECOLOGIA E A EDUCAÇÃO. A AGROECOLOGIA COMO A FERRAMENTA PRÁTICO-TEÓRICA DE PERMANÊNCIA DO CAMPONÊS NA TERRA POR MEIO DA GERAÇÃO DE RENDA DIVERSIFICADA. A AGROECOLOGIA ABRE ESPAÇO PARA A CRIATIVIDADE CAMPONESA E É ISSO, EM GRANDE MEDIDA, O QUE PODEMOS VIVENCIAR NO LAPO E NO SAPO. É IMPORTANTE RESSALTAR A AGROECOLOGIA

COMO DELIBERAÇÃO COLETIVA DO MOVIMENTO SOCIAL QUE TAMBÉM DIALOGA AO MOVIMENTO ECOLÓGICO EM SI.

A EDUCAÇÃO, ENQUANTO OS DIVERSOS PROCESSOS FORMATIVOS, É UMA PAUTA AMADURECIDA PELOS MOVIMENTOS SOCIAIS DO CAMPO, EM PRIMEIRO PONTO EM FUNÇÃO DA BAIXA ESCOLARIDADE DAS BASES, MAS CONTUDO, EM FUNÇÃO DA NECESSIDADE DE FORMAÇÃO POLÍTICA E MAIS RECENTEMENTE TÉCNICA EM AGROECOLOGIA. A LUTA POR EDUCAÇÃO TEM SE QUALIFICADO TAMBÉM NA RELAÇÃO COM A UFPA *CAMPUS* BELÉM E MARABÁ A CRIAÇÃO DO COLEGIADO DE EDUCAÇÃO DO CAMPO, E OS IFPA *CAMPUS* CASTANHAL E MARABÁ E A CRIAÇÃO DOS CURSOS TÉCNICOS EM AGROECOLOGIA, MUITO INFLUENCIADOS PELO DO PRONERA⁵ (PROGRAMA DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA).

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

UMA CARACTERÍSTICA INEGÁVEL À CONSTITUIÇÃO DA AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA NO PARÁ É A DIVERSIDADE. ESTA DIVERSIDADE DESAFIA UMA SISTEMATIZAÇÃO QUE DE CONTA DAS DIFERENTES FORMAS DE PRODUÇÃO FAMILIAR NO CAMPO. NO ENTANTO A VISÃO HOMOGENEIZADORA DA PEQUENA PRODUÇÃO RURAL COMO AGRICULTURA ITINERANTE, MIGRANTE OU NÔMADE PREDOMINA NOS SETORES PATRONAIS DA AGRICULTURA. NESTE SENTIDO, O PROJETO ESTATAL DOMINANTE DE DESENVOLVIMENTO PARA AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA É O DE INSEIRI-LOS EM UM SEGMENTO AGROINDUSTRIAL E TORNA-LOS PEQUENOS EMPREENDEDORES.

CONTUDO, A DEPENDÊNCIA DAS CULTURAS DE MERCADO, ALTOS CUSTOS DE PRODUÇÃO, ALIADOS A INSTABILIDADE DOS PREÇOS AGRÍCOLAS, LEVA, NÃO RARAMENTE, À INSTABILIDADE DO SISTEMA FAMILIAR DE PRODUÇÃO.

A ANÁLISE DESTES QUADRO FEZ OS ASSENTADOS DA REFORMA AGRÁRIA DA REGIÃO NORDESTE DO PARÁ SE ORGANIZAREM COM PROPÓSITO DE RESISTIR E PRODUIR NA TERRA CONQUISTADA. A AGÊNCIA DOS SUJEITOS CORROBORA PARA OUTRA LEITURA DA AGRICULTURA FAMILIAR CAMPONESA. ESTES SUJEITOS SÃO ATIVOS POLITICAMENTE E PROMOVEM O DEBATE SOBRE OUTRO MODELO DE PRODUÇÃO. A ORGANIZAÇÃO DOS CAMPONESES POSSIBILITA A TROCA DE EXPERIÊNCIAS E SABERES E FORTALECE A LUTA PELOS DIREITOS PERANTE O ESTADO E A LUTA DE PRODUIR VIDA SOB NOVAS CONDIÇÕES.

5. REFERÊNCIAS

⁵ O PRONERA (PROGRAMA NACIONAL DE EDUCAÇÃO NA REFORMA AGRÁRIA) é conquista da organização e pressão dos movimentos sociais do campo. Se tornou política pública no ano de 2010.

CORREA, CIRO. **O MST EM MARCHA PARA A AGROECOLOGIA. UMA APROXIMAÇÃO À CONSTRUÇÃO HISTÓRICA DA AGROECOLOGIA NO MST.** DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM AGROECOLOGIA, UNIVERSIDADE INTERNACIONAL DA ANDALUCIA E UNIVERSIDADE DE CÓRDOBA, ESPANHA, P. 60. 2007.

COSTA, F. A.. INDICADORES DE PRIORIDADE PARA POLÍTICAS PÚBLICAS DIRIGIDAS AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA: UMA CONSTRUÇÃO ORIENTADA A SISTEMAS DE PRODUÇÃO DO NORDESTE PARAENSE. **NOVOS CADERNOS DO NAEA**, v.3, n. 1, BELÉM, 2000. p. 101-118.

HURTIENNE, T. AGRICULTURA FAMILIAR NA AMAZÔNIA ORIENTAL. **NOVOS CADERNOS DO NAEA**, v. 2, n. 1, BELÉM, 1999. p. 75-94.

_____. AGRICULTURA FAMILIAR E DESENVOLVIMENTO RURAL SUSTENTÁVEL NA AMAZÔNIA. **NOVOS CADERNOS DO NAEA**, v. 8, n. 1, BELÉM, 2005. p. 19-71.

NAHUM, J.S.; BASTOS, C. S.. DENDEICULTURA E DESCAMPESINIZAÇÃO NA AMAZONIA PARAENSE. **CAMPO-TERRITÓRIO: REVISTA DE GEOGRAFIA AGRÁRIA**, v. 9, n. 17, 2014.

PÊSSOA, E. C. S. “TER DE ONDE PARTIR: UMA EX-PERIÊNCIA AGROECOLÓGICA NO ASSENTAMENTO MÁRTIRES DE ABRIL – MST (PARÁ)”. IN: **REVISTA IDEAS – INTERFACES EM DESENVOLVIMENTO, AGRICULTURA E SOCIEDADE**, RIO DE JANEIRO – RJ, v. 6, n. 2, p. 9-27, 2012.